

ROTA GEOTURÍSTICA DO PEABIRU: GEODIVERSIDADE E HISTÓRIA NA VERTENTE PAULISTA DA TRILHA TRANSCONTINENTAL SUL-AMERICANA

Garcia, M.G.M.¹; Del Lama, E.A.¹; Mazoca, C.E.M.¹; Bourotte, C.¹; Ribeiro, L.M.A.L.^{1,2}; Queiróz, D.S.¹; Romão, R.M.M.¹

¹Núcleo de Apoio à Pesquisa em Patrimônio Geológico e Geoturismo (GeoHereditas), Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo; ²Serviço Geológico do Brasil (CPRM)

RESUMO: As rotas geoturísticas constituem uma forma de promover a geodiversidade e o geopatrimônio de uma região de maneira sustentável. Rotas transnacionais e transcontinentais têm sido o foco de várias iniciativas envolvendo geoturismo em várias partes do mundo. Uma das formas de se fazer isso é utilizando rotas históricas tradicionais, que podem servir de atrativos para promover a educação e o turismo por meio da geodiversidade e do geopatrimônio. Neste contexto, o Caminho do Peabiru consiste em uma rota transcontinental formada por uma série de antigas trilhas utilizadas pelos povos originários da América do Sul e que ligavam diversos pontos do litoral brasileiro à região de Cusco, na Cordilheira dos Andes no Peru. É uma rota histórica que foi palco de inúmeros episódios marcantes e cujo traçado foi controlado pela configuração do meio físico, seja ao longo das diversas trilhas, seja pela importância de lugares ao longo do percurso, como os depósitos de prata de Potosí (embora algumas hipóteses sustentem que o caminho teria sido construído inicialmente pelos próprios Incas, na disposição de explorar o restante do continente). Neste contexto, este trabalho tem dois objetivos principais: i) impulsionar a organização de uma rota geoturística transcontinental, que possa ser utilizada para desenvolver o geoturismo como atividade econômica sustentável e integrar os estados brasileiros e os países sul-americanos ao longo dos quais passa e ii) identificar as possibilidades de geoturismo na porção paulista desta rota, por meio do reconhecimento de elementos da geodiversidade e de locais de interesse geológico. Dois ramos principais saíam do litoral paulista: um deles de São Vicente, na Baixada Santista, e o outro de Cananeia, no litoral sul. Além destes, havia outras trilhas secundárias. O caminho que saía de São Vicente seguia pela Trilha dos Tupiniquins pelas encostas da Serra do Mar até chegar na região da capital paulista (passando pelo Centro Velho, especificamente no Páteo do Colégio e na Igreja do Carmo), de onde seguia ao longo do Rio Tietê até a região de Pirapora do Bom Jesus e rumava a sudoeste, em direção a Sorocaba. Outro ramo acompanhava o rio na direção de Botucatu até o Rio Grande, a norte. O caminho que saía de Cananeia seguia até a região do Vale do Ribeira, de onde prosseguia para oeste. As duas trilhas se cruzavam na região onde hoje é Tibagi, no Paraná. A reconstrução do percurso, no trecho paulista, está sendo feita com base em mapas e relatos históricos publicados por exploradores e historiadores. Embora haja sempre uma dose de incerteza, as grandes unidades geológicas e formas de relevo constituem elementos da geodiversidade que certamente controlaram em grande parte a delinearção destas rotas e, consequentemente, boa parte dos fatos históricos. Além disso, as trilhas passam por importantes sítios geológicos, permitindo abordar vários aspectos da história geológica regional. O patrimônio construído nestes caminhos se faz presente com a utilização das rochas locais e a modificação da paisagem. Assim, o Caminho do Peabiru permite unir aspectos geológicos, históricos, culturais e econômicos, possibilitando ao geoturista uma verdadeira volta ao passado.

PALAVRAS-CHAVE: GEOTURISMO; INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL; CAMINHOS HISTÓRICOS